

cadernos
IHU
ideias

**O decrescimento
e o sagrado**

Serge Latouche



cadernos **IHU** ideias

O decrescimento e o sagrado

Serge Latouche

ano 10 • nº 168 • 2012 • ISSN 1679-0316

 **UNISINOS**

**INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS** 

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 10 – Nº 168 – 2012

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Dr. Marcelo Leandro dos Santos – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Marcelo Leandro dos Santos

Tradução

Maria Fernanda B. Nunes

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

O DECRESCIMENTO E O SAGRADO

Serge Latouche

*O fato de que os hebreus viviam para adorar a Deus,
e nós, nós vivemos para aumentar o produto nacional,
isso não vem nem da natureza,
nem da economia, nem da sexualidade...
São posições imaginárias primárias,
fundamentais, que dão um sentido à vida.*

Cornelius Castoriadis

1 O paradoxo de uma religião da economia

Pode-se sustentar, à primeira vista, que falar da economia como uma religião é não somente “blasfematório”, mas também impróprio. Hannah Arendt insurgiu-se firmemente contra aqueles que viam nos totalitarismos religiões profanas.¹ Sua argumentação também vale para o “totalitarismo econômico” que é designado também como o *fundamentalismo* de mercado ou o *integrismo* ultraliberal. Para o fenomenólogo ou o nominalista, então, é evidente. Para o realista, se ele concebe a economia e a religião como essências eternas, a confusão entre duas entidades, economia e religião, seria aberrante. Nos dois casos, a economia, prática e teórica, profana e laica, poderia ser no máximo uma “antirreligião”, e não uma religião, mesmo entendida metaforicamente. “A economia, observa François Flahaut, substitui a teologia, e não a religião, pois ela não tem nada a dizer sobre o que é fonte de vida para a pessoa humana nem sobre o que, no ser mesmo de cada um, conecta-o aos outros”.² No entanto, como o sociólogo francês Émile Durkheim define a religião de maneira laica e muito ampla, como conjunto de crenças partilhadas que ligam uma certa coletividade, há pouca dúvida que, em um mundo contemporâneo, a economia entre bem no quadro geral, e que até mesmo se substitua às crenças

1 Cartas à Jules Monnerot de 1954 republicadas na revista “MAUSS”, n. 22, 2003.

2 François Flahaut, *Où est passé le bien commun?*, Milles et une nuits. Paris, 2011, p.14.

ou “religiões” anteriores e constitua uma nova “catolicidade” (*catholicos* = universal).

Essa surpreendente substituição da religião econômica pela religião tradicional pode-se explicar principalmente por duas circunstâncias: a existência de um *culto* quase universal e trans-histórico do valor encarnando (ouro, dinheiro, bens preciosos..., “o Deus grana” como diz o teólogo Alex Zanotelli)³ e o advento, com a emergência da modernidade, de uma fé nova no progresso e seus corolários (a técnica), a ciência, o crescimento), e a penetração da mercantilização e, portanto, do dinheiro, em todos os poros da vida social. A articulação dos dois fenômenos permite efetivamente falar de uma verdadeira religião da economia. Desde então, compreende-se bem que a primeira tarefa de um “decescente” é de dessacralizar o crescimento. Mas isso não implicaria, como segunda tarefa, sacralizar o decrescimento?

2 Dessacralizar o crescimento

Dessacralizar o crescimento consiste em desvendar a maneira como foi construída a sua sacralização: a hipóstase do dinheiro, a teologização da economia, e a criação dos ídolos do progresso, da ciência e da técnica.

2.1 *O bezerro de ouro está sempre de pé! A idolatria do capital*

“Ele (o dinheiro) é o Alfa e o Ômega, o Exclusivo e o Único. Ele é aquele que é, sem começo nem fim, o Divino Incrariado...”⁴ Esse culto da riqueza não é novo, ele existe desde os tempos imemoriais. Com os bens paleomonetários, ele já existe sob formas arcaicas antes mesmo da invenção da moeda cunhada. A “moeda” arcaica, pelo menos tão desejada quanto a nossa, não parece estigmatizada de um opróbrio qualquer. É verdade que seu poder para ser considerável não é *comercial*. As paleomoedas têm pouca influência sobre a produção, a troca e o consumo dos produtos de subsistência. Sua acumulação não é ilimitada e ela não pode servir à exploração massiva da força de trabalho.

Essa adoração do bezerro de ouro foi, por muito tempo, estigmatizada como uma prática antagônica da religião. Todavia, ao se disseminar junto da vida profana, essa “idolatria” se achou não somente exonerada da antiga maldição, mas também se beneficiou de uma santificação. “Antirreligião” e religião suportam estranhas cumplicidades, facilitando a passagem de uma à outra.

3 *Avec ceux qui n'ont rien*, Flammarion, Paris, 2006, p. 268.

4 Leu-se na obra de Michel Piquemal, *Le Prophète du libéralisme*, Mille et une nuits, Paris, 2005, p.14.

Na verdade, mesmo quando é maldito, o dinheiro retém certos atributos do religioso. Até por que ele é mais ou menos satânico que o culto de Mamon está ligado ao sagrado. Antes da invasão da metáfora religiosa na economia, a metáfora protoeconômica invadiu o religioso, em particular nas religiões da dívida e do resgate. Era preciso pagar para se redimir de seus pecados. Toda a esfera religiosa e jurídico-social antiga, na verdade, sendo regida por relações de troca determinadas,⁵ os livros santos das principais religiões (o Levítico, em particular), transbordam de tarifas e de negociações religiosas. A fé e a crença têm parte ligada com a dívida e o crédito e reciprocamente. É a marca de uma mais antiga proximidade entre o precioso (o que é apreciado e apreciável, mas por quem e por quê?) e o sagrado/sobrenatural. Religião e economia participam de um mesmo circuito energético inconsciente do valor.

Para a antiga teologia católica, fazer dinheiro com o dinheiro é pura e simplesmente um pecado. A *santificação* da economia supõe um *aggiornamento* da doutrina da igreja. Supõe também que seja retirada a antiga maldição sobre o dinheiro. As sociedades modernas são, então, confrontadas ao desafio da coexistência das relações comerciais e da justiça, o que implica uma revolução, pois, sem se confundir com elas, a religião está ligada à ética, à moral e à justiça. A neutralização da maldição se fez, como se sabe, com a laicização dos valores protestantes e o desenvolvimento do utilitarismo. Segundo a análise bem conhecida de Max Weber, o arranque econômico ocidental resultaria de uma generalização de uma ética, aquela do trabalho e do espírito empresarial, feita de escrupulosa honestidade, de gosto pelo esforço, de retidão, de pontualidade, de renúncia aos prazeres dos sentidos e de espírito de reserva.⁶ A acumulação material ilimitada seria o testemunho sensível da acumulação dos *méritos* e a prova incontestável da benção divina. “É em benefício da certeza da salvação, nota Ernst Troeltsch, teólogo protestante amigo de Weber, que em Lutero, Calvino, Zwingli, com a mesma prioridade e a mesma necessidade, a doutrina da predestinação virou a doutrina essencial do protestantismo”.⁷ “O predestinado, segue ele, percebe-se como o senhor do mundo, que é chamado, apoiado pelo poder divino, a intervir, pela glória de Deus a fim de transformá-lo”.⁸ “Na medida em que o calvinismo – conclui – quis aplicar ao domínio da produção capitalista, que ele havia tolerado, seu espírito de zelo metódico e permanente, contribuiu, em particular, de maneira decisiva ao nascimento da mentalidade capitalista, consi-

5 O leitor interessado achará uma análise detalhada disso em meu artigo *Le veau d'or est toujours debout!*, revista MAUSS, n. 27, Paris.

6 Conferir *L'Éthique protestante et l'esprit du capitalisme*, Plon, 1967 (1905).

7 Ernst Troeltsch, *Protestantisme et modernité*, Gallimard, 1998, p. 56.

8 Idem, *ibidem*, p. 56.

derando o trabalho pelo trabalho”.⁹ O caminho estava aberto a uma santificação do utilitarismo vulgar, sustentado por uma fé sem falha na harmonia natural dos interesses. No sentido mais difundido, aquele de uma “moral” do interesse, o utilitarismo prega a ideia de que eu sou o único juiz de meus prazeres e que eu não devo ter escrúpulos em maximizá-los. Os vícios privados fazendo a riqueza pública, Smith e toda a “ciência econômica” ulterior se responsabilizarão que, por consequência, tudo irá pelo melhor no melhor dos mundos possíveis! Bentham tirará a conclusão daí. Basta chamar virtudes o que se chamava anteriormente vícios. É bem o que tenta impor Berlusconi com a benção do Vaticano, mas sem conseguir convencer totalmente os “honestos”. O Estado-nação da Modernidade, diferentemente da cidade antiga, integrou bem a *hybris*, o exagero, do dinheiro/capital. A liberdade e a igualdade formais dos cidadãos permitem a acumulação automática ilimitada do capital, o qual Marx compara bem justamente com o Deus hindu Jagannath, que esmaga os fiéis com sua carruagem. Mas, diferentemente das organizações tradicionais que repousavam sobre um equilíbrio estático e uma suspensão do tempo ou um tempo circular, o Estado-nação moderno funciona graças a um equilíbrio dinâmico e a uma acumulação ilimitada de valor com consumo não menos infinito de energia.

2.2 A apoteose econômica

Todas as sociedades humanas já dedicaram um culto ao crescimento, mas somente o Ocidente moderno fez disso sua religião. Como explicar esse paradoxo? Antes de tudo, o crescimento designa um fenômeno natural: a transformação dos animais – e dos humanos – em tamanho, volume ou peso, como a brotação das plantas e das árvores. O ciclo biológico do nascimento, do desenvolvimento, da maturação, do declínio e da morte das plantas e dos animais e sua reprodução são a condição da sobrevivência da espécie humana que deve se metabolizar com seu entorno vegetal e animal. Que os homens tenham celebrado as forças cósmicas que deviam assegurar seu bem estar é uma forma simbólica de reconhecimento dessa interdependência e de nossa dívida a seu respeito. Degolar um cordeiro e comê-lo em comunidade em honra da renovação da primavera é um ritual que reforça o elo social e simboliza a aliança entre os homens, as plantas e os animais. Uma espécie de economia – no sentido que Aristóteles dá a esse termo em oposição à crematística, que é nossa economia – antropocós mica institui-se, assim, com seu aspecto real, com arrecadação de recursos, sua transformação, seu consumo e a devolução dos restos, e seu aspecto simbólico, a representação do ciclo sob forma de uma aliança com troca, reciprocidade entre os ho-

9 Ibidem, p. 163.

mens e a natureza. De uma indiferenciação primitiva passa-se progressivamente a uma especialização e a uma oposição dos dois campos: o do sagrado e o do profano. Cada um dos campos se desenvolve tomando emprestado do outro algumas de suas formas: a analogia e a metáfora são constantes. Uma economia do religioso se desenvolve simetricamente a uma religião da economia. Os símbolos tornam-se fetiches e mais reais do que o real; acabam por se impor na prática e, em seguida, por escravizar a humanidade. Os templos são os primeiros bancos, enquanto esperam que os bancos tornem-se os últimos templos... Resta um vestígio perturbador dessa concubinação entre o dinheiro e o sagrado com a fórmula impressa sobre a nota verde: *In God we trust*. Mas, quando a distância entre o simbólico e o real desapareceu, surgiu o problema de uma patologia do sagrado. Os símbolos, como os bens preciosos, representam a força cósmica (conchas, plumas, ouro, prata, nota verde...) são tidos como aquilo que eles representam. Eles devem, então, crescer como os organismos naturais que eles simbolizam, já que eles transpuseram a barreira dos reinos e das espécies e passaram para o lado do vivo. Os aborígenes da Melanésia já calculam a taxa de juros em função do crescimento das defesas dos porcos sagrados. O produto do capital dinheiro, resultado de uma astúcia ou de uma trapaça comercial e, mais frequentemente, de uma exploração da força dos trabalhadores, está assimilado à renovação das plantas. O organismo econômico, quer dizer, a organização da sobrevivência da sociedade, não mais em simbiose com a natureza, mas a partir de agora explorando sem piedade, deve crescer como deve crescer seu fetiche, o capital. A reprodução do capital/economia, organismo imortal, funde a fecundidade e a renovação, a taxa de juros e a taxa de crescimento. Essa apoteose da economia/capital explica a transposição da nebulosa religiosa em um campo em que ela não é menos problemática. É o dinheiro, é o mercado, é o crescimento que substitui a Deus? Ou existem vários deuses? As vítimas, os *sacrificados*, os mártires, são eles os patrões em dificuldades, os que vivem de rendas em período de inflação, os assalariados de todo o sempre ou os em seguro desemprego?

Essa substituição da religião econômica pelas religiões *religiosas* se acha facilitada pela existência de um *culto* quase universal e trans-histórico pelo valor encarnado (ouro, prata, bens preciosos...), desde que ele penetrou em tudo. É o advento, com a emergência da modernidade, de uma *fé* nova no progresso e seus corolários (a técnica, a ciência, o crescimento), que facilita a articulação de todos esses fenômenos, desdobrando vários tipos de rituais que permitem falar verdadeiramente de uma religião da economia.

2.3 O imaginário religioso da modernidade: o bazar de ídolos e a metafísica do Progresso

O aspecto subjetivo da monstruosa construção da megamáquina sagrada ocidental é a dominação-colonização do imaginário pelo econômico. É não somente quase impossível de se libertar disso, mas também muito difícil de avaliá-lo. No entanto, é recente na história e excepcional no espaço. Ela não remonta para o essencial antes do século XVIII e interessa quase exclusivamente ao Ocidente. Um bom testemunho é fornecido pela leitura de uma passagem de Fustel de Coulanges, precursor da sociologia das religiões e de Marcel Mauss, tirado de seu livro *La cité antique*. “Em tempos de paz e em tempos de guerra, a religião – ele escreve sobre os antigos Romanos – intervinha em todos os atos. Ela estava presente em tudo, ela envolvia o homem. A alma, o corpo, a vida privada, a vida pública, as refeições, as festas, as assembleias, os tribunais, os combates, tudo estava sob o império desta religião da cidade. Ela regulava todas as ações do homem, dispunha de todos os instantes de sua vida, contemplava todos os seus hábitos. Ela governava o ser humano com uma autoridade tão absoluta que não restava nada que estivesse fora dela”.¹⁰ Não podemos mais dizer a mesma coisa das religiões de hoje, nem mesmo do islamismo radical. Em contrapartida, basta substituir religião por economia e colocar os verbos no presente para ter uma descrição perfeita da situação atual.

O núcleo duro da religião da economia é sem dúvida, em última instância, constituído pela crença no progresso. O progresso também é uma divindade ou um ídolo com seu dogma, sua doutrina, seu culto, seus sacrifícios e suas vítimas sobre o altar, seus apóstolos, seus hinos. Enfim, todos os elementos que constituem o domínio do religioso e do sagrado.¹¹ Ora, como a existência de Deus, o progresso se prova de numerosas formas: é constatado no espetáculo do mundo, é deduzido de seu conceito mesmo, e sua existência observada resulta também de sua essência. Assim, sua existência prova que ele existe como essência, e sua essência é a prova irrefutável de sua existência. Além disso, ele é necessário (não é somente um acidente...). Em seus conceitos, ele é a perfeição a tal ponto que a existência é uma das suas menores qualidades e um de seus primeiros atributos. É simplesmente a prova ontológica da existência de Deus de Santo Anselmo. No fim das contas, no mundo contemporâneo, existe uma *verdade* do progresso: é o desenvolvimento, em outros termos, o crescimento do PNB per capita.¹² A verdade do progresso reside na intervenção e na mudança contínua das técnicas, que são o fator privilegiado

10 Fustel de Coulanges, *La cité antique*, Paris, Hachette, 1978, p. 194.

11 Edgar Morin evoca *La religion du progrès* (le Monde du 23/8).

12 Cf. particularmente nosso livro “*Faut-il refuser le développement?*”, Paris, PUF, 1985.

desse crescimento das forças produtivas, o desenvolvimento. A economia remete ao crescimento e ao desenvolvimento que não são nada menos do que o progresso da economia, pois ela contém sua própria progressão em seu princípio.

Se o progresso é o alicerce da economia, a economia, em compensação, é necessária ao estabelecimento do progresso. Sem sistema de preços, é impossível dar um sentido a algo como um PNB per capita, e sem sua progressão, como se convencer de uma melhora no destino da humanidade? Todos os outros progressos são abstratos e nenhuma perfeição do espírito humano encantaria os homens se a vida cotidiana não tivesse ficado mais confortável. É mais uma *ética* que informa a ação e incentiva a invenção e as transformações.

Assim, *a crença no progresso é autorrealizadora.* Como se sabe, foi preciso esperar até a segunda metade do século XX para que o mito da abundância fosse encenado: o progresso será, então, erguido em espetáculo incontestável. Essa “ancoragem” do progresso no concreto econômico, que absorve a totalidade do espaço social, é fundamental. Ao reduzir a vida à quantidade ao PNB, a antiga oposição progresso material/ progresso moral desaparece. Bem-estar e bem-ter são idênticos. O belo, o bom e o bem se fundem no útil. A maximização do PNB é um objetivo moral, é o *objetivo* moral. Ora como, para uma grande parcela do mundo, a melhora constante do PNB foi mais ou menos incontestável, o progresso é a partir de agora bem difícil de extirpar. E é assim que o crescimento se tornou sagrado, e a economia, nossa religião. Mas essa *sacralização da dessacralização* traz problemas.

3 Sacralizar o decrescimento?

A sacralização do crescimento coincide com o que após Max Weber se nomeou o *desencantamento* do mundo, ao menos entendido em certo sentido. É preciso entrar em acordo sobre o que isso significa, já que se sabe que o sucesso da fórmula de Weber é largamente devido a um contrassenso. O desencantamento do mundo moderno é, ao mesmo tempo, mais simples e mais profundo do que sua análise soa. *Entzauberung* [desencantamento] de que ele fala é simplesmente o substituto moderno da explicação mágica dos fenômenos por aquela da ciência, um pouco como fala Comte. As consequências não são apenas positivas, mas elas o são largamente. Isso porque, se a modernidade destrói certo encantamento, ela cria um outro com a ebriedade das ciências, da técnica e do (pseudo) poder ilimitado do homem sobre a natureza. Essa nova mitologia cria mesmo um pseudomundo comum sem a superstição antiga.

Contudo, como enfatiza Zygmunt Bauman, esse “mundo comum”, na sociedade globalizada, é o pensamento único.

Achille Rossi explicita isso muito bem como “mito”, entendido como aquilo no que acreditamos sem estarmos conscientes e que define para nós os limites da realidade.¹³ Encontra-se praticamente palavra por palavra da definição durkheimiana da religião!

Entretanto, é provável que, se as condições estivessem reunidas para a construção de uma sociedade de decrescimento, ela não se faria sem certo *reencantamento* do mundo.¹⁴ Todavia, é preciso compreendê-lo no sentido de uma nova mitologia e clamar seus desejos para um retorno dos deuses, ou melhor, trata-se de restaurar nossa capacidade de maravilhar-se diante da beleza do mundo? “O que precisamos mesmo é de um movimento por um ateísmo econômico, de uma onda de incrédulos”, escreve Derek Rasmussen, militante canadense da paz e defensor dos Inuítes.¹⁵ É bem o que o movimento do decrescimento propõe provocar. O projeto de construção ao Norte como ao Sul das sociedades conviviais autônomas e econômicas implica, rigorosamente, mais um “a-crescimento”, como parte de “a-teísmo”, do que um “de-crescimento”. É mesmo do abandono de uma fé e de uma religião que se trata: a da economia. A via do decrescimento, sendo um abandono da religião do crescimento, implica a necessidade de uma de-crença. Deve-se abolir a fé na economia, renunciar ao culto do dinheiro, ao ritual do consumo e tornar-se agnósticos do Progresso.¹⁶ Não se trata de recair na ilusão de uma mítica sociedade perfeita de onde o mal teria sido erradicado definitivamente, mas de construir uma sociedade em tensão que afronte suas inevitáveis imperfeições e contradições se dando, ao mesmo tempo, um horizonte de bem comum, mais do que o desencadeamento da ganância.

A principal dificuldade para se realizar o projeto de uma sociedade de decrescimento não é aquela que uma boa argumentação, por mais convincente que seja, possa resolver. O homem não é apenas um animal racional; ele é também um ser sensível de carne e de sangue, e portanto, atravessado por paixões. Mesmo se o teórico se dirige, e se dirige somente, à inteligência de seu leitor, ele não pode ignorá-lo e deve considerar isso, sem necessariamente para tanto se transformar em profeta ou em guru. A base da sociedade do crescimento sendo da ordem da religião, as demonstrações e os raciocínios são pouco valorizados pela fé simplória. Toda religião se caracteriza por sua *autoimunização*, e isso é verdade especialmente na religião

13 Cf. particularmente nosso livro “*Faut-il refuser le développement?*”, Paris, PUF, 1985.

14 Cf. Jean-Claude Besson Girard, *Decrescendo cantabile. Petit manuel pour une décroissance harmonique*. Parangon, 2005.

15 Derek Rasmussen, “Valeurs monétisées et valeurs non monétisables”, in: *Inter-culture*, n. 147, Oct 2004, Montréal “Le terrorisme de l’argent I”, p. 25.

16 Cf. nosso artigo, “Le veau d’or est vainqueur de Dieu”. Ensaio sobre a religião da economia. Revista MAUSS n. 27, primeiro semestre de 2006.

do crescimento.¹⁷ Nessas condições, trata-se também da realização de uma conversão de massa. As únicas comunidades que conseguiram fazer viver, por um longo tempo no seio e na margem da sociedade dominante, um ideal de frugalidade mais ou menos abundante são as comunidades monásticas e, sobretudo, os amish da Pensilvânia. As experiências comunitárias fundamentadas na única base de uma visão alternativa laica, como o socialismo utópico, terminaram rapidamente por explodir. O cimento das convicções compartilhadas não é suficiente para deter as fissuras causadas pelas rivalidades pessoais, os conflitos de gênero ou os conflitos de geração. As que duram mais, como as Comunidades da Arca, têm uma dimensão quase religiosa (nesse caso, a antroposofia de Steiner).

Então, precisaremos inventar uma nova religião? É conveniente opor o mito do progresso a outros mitos igualmente sedutores e irracionais? Alguns assim pensam, dizem ou tentam. A questão não é novidade. Ela já foi considerada no começo do movimento socialista. Entre os *decrecientes* que se inclinam para uma ou outra forma de espiritualidade, alguns adoradores de Gaia e adeptos da *deep ecology* até se organizaram em seitas e celebram cerimônias quase religiosas. E se sabe que a única diferença entre uma seita e uma igreja é que uma igreja é uma seita que deu certo...

A aposta do decrescimento é outra. Não nos tornamos ateus do crescimento, agnósticos do progresso, céticos da religião da economia, para nos convertermos em adoradores da deusa Natureza (mesmo que rebatizada como Pachamama), como fomos da deusa Razão ou do Ser Supremo, nos áureos dias da revolução francesa. Não queremos nos transformar em grandes sacerdotes do evangelho da abundância frugal. A experiência dos cultos artificiais está inclusive longe de ser conclusiva e nós concordamos, de bom grado, que nesse meio tempo, deve-se reencantar o mundo e adicionar os ingredientes de natureza *espiritual* às argúcias filosóficas e científicas. É nesse sentido, de restauração da capacidade de se maravilhar, que a via do decrescimento não é nem uma religião nem uma antirreligião; ela é uma sabedoria. Esse constitui precisamente o desafio da dessacralização do crescimento. A ideologia *religiosa*, seja ela católica, hindu, asteca ou consumista, permite negar o *non-sens* ontológico do ser e, então, de apoiá-lo em vez de confrontá-lo. Porém, a partir disso, excesso de significado é dado ao mundo. Os deuses têm resposta para tudo! Só que eles apresentam a conta, e o sacrifício é o preço a pagar.

A via do decrescimento implica uma forma ou outra de espiritualidade? Rituais pagãos como os que acabamos de mencionar? É possível. Muitos se curvam a isso, ainda que fosse

17 Gilbert Rist, *L'économie ordinaire entre songes et mensonges*. Paris, Presses de SciencesPo, 2010, p. 195.

preciso se entender sobre o que é colocado nessa etiqueta “espiritualidade” que fere facilmente os laicos e os ateus dos quais eu faço parte. É possível mesmo derrubar as posições e fingir que as nossas sociedades cristãs de consumo são verdadeiramente sociedades pagãs e que a sociedade do decrescimento reabilitaria a espiritualidade. Alguns dias antes de seu assassinato, o poeta e cineasta comunista Pier Paolo Pasolini conjurou a Igreja Católica de ser “a guia grandiosa e não autoritária de todos aqueles que recusam o novo poder consumista, o qual é totalmente irreligioso, totalitário, violento, falsamente tolerante, talvez mais repressivo que nunca, corrupto e degradante”.¹⁸

Se “o sagrado é a simulação instituída do Abismo”, seguindo a fórmula de Castoriadis, é preciso espantar-se ou chocar-se com as conviências entre as novas “heresias” milenaristas e utopias sociais laicas? Entre o panteísmo de um Spinoza, o cosmoteandrismo de um Panikkar e o ecoantropocentrismo de um decrescente ateu ou o cosmopoetismo de David Hery Thoreau, a diferença é talvez uma questão de termo ou de vocabulário. Longe de procurar se ligar a uma transcendência divina e eterna, Thoreau, esse precursor do decrescimento, procurava se fundir na harmonia natural. “Eu permaneço ao ar livre por causa do animal, do mineral, do vegetal, que estão em mim”, escreve em seu diário.¹⁹ “Seria um poeta – continua ele – aquele que poderia recrutar ventos e rios a seu serviço, para que eles falem por ele”.²⁰ Essa energia irredutível do sagrado da qual falava Mauss pode ser, de fato, mobilizada pelos poetas, pelos pintores e pelos estetas de todos os tipos. Enfim, todos os especialistas do inútil, do gratuito, do sonho, das partes sacrificadas de nós mesmos. A poesia, a estética e a utopia concreta abrem um caminho rumo à transcendência imanente. São pistas interessantes para nos fazer sonhar e voltar a encontrar o encantamento da primeira infância. Esses produtores de sonho e de significado, que são os artistas autênticos, deveriam ser suficientes para a tarefa. Extasiamos-nos diante de um quadro; um poema pode nos exaltar; a música possui a capacidade de suscitar emoções quase religiosas. Não é sem razão que a arte dita primitiva (pensemos nas máscaras africanas) é sempre uma arte sagrada. “Os maiores escritores e artistas – nota Jean-Paul Besset – buscaram na direção dessa outra vida que, para os românticos e surrealistas, encontra-se na vida”.²¹ É contra a

18 *I dilemmi di un Papa oggi*, Corriere della Sera do 22 de setembro de 1974. Repris dans Scritti corsari, op. cit., p. 80. Cf. também Ceccoli Andrea, *Prima e oltre il vangelo*. Ernesto Balducci e Pier Paolo Pasolini, Fondazione Ernesto Balducci, Firenze 2005.

19 Citado por Thierry Gillyboeuf, *Le jardin de personne*, in: Thoreau Henry David, *De la marche, Mille et une nuits*, Paris 2003, p. 74.

20 Idem, *ibidem*, p. 47.

21 Jean-Paul Besset, *Comment ne plus être progressiste... sans devenir réactionnaire*. Fayard, 2005, p. 163.

banalização comercial desencantadora a que se opõe o artista possuidor de um papel insubstituível na construção de uma sociedade serena de decrescimento. “O artista lembra ao indivíduo moderno que, o que quer que ele faça, está condenado a uma forma qualquer de animismo se ele quiser que as coisas façam sentido [...] O artista talvez testemunhe o fato que o animismo é a única filosofia que respeita as coisas e o ambiente, uma filosofia adaptada ao espírito do talento que circula nas coisas, e da qual a Modernidade nos retirou”.²² Animista ou não, para uma sociedade do decrescimento, como para Oscar Wilde, “a arte é inútil e, portanto, essencial!”

4 Conclusão

Sim! É preciso sacralizar a natureza, como é preciso santuarizar os raros espaços “virgens” que nós ainda não maculamos. É preciso adorar as náiades das fontes não poluídas e as dríades das florestas não arrasadas para fazer soja transgênica. Mas não é necessário crer no sobrenatural para isso. Mesmo se não recusamos a participar no apoio daquele que crê no céu em reforço daquele que não crê, seguindo a famosa fórmula de Malraux.

Assim, as fábulas dos poetas nos são necessárias para reencantar o mundo. Mas acontece de elas conseguirem bem demais, perigo contra o qual me parece difícil de nos proteger. Com o passar do tempo, devemos nos perguntar: como evitar que elas sejam instrumentalizadas por um chefe (*Duce, Führer, Conducator*, Guia Supremo, etc.) paranoico (um pleonasma, provavelmente) para oprimir seu povo e não voltem contra seu criador? É então que a máquina teocrática pode voltar a funcionar, e tudo recomeça como antes. Poderíamos imaginar um meio para romper esse eterno retorno do pesadelo? Nós deveríamos poder inventá-lo... Alguma coisa como uma gestão democrática do sentido, apostando que dessa vez a vigilância dos cidadãos conterà o sono da razão ou o seu delírio, no duplo sentido que se pode dar à expressão da célebre água-forte de Goya em seus *Caprichos*: “El sueño de la razón produce monstruos”.

²² Jacques Godbout, *Les conditions sociales de la création en art et en sciences*, in: revista *MAUSS*, n. 24, Une théorie sociologique générale est-elle pensable? La découverte 2ème semestre 2004, p. 421.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaró
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krishcke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Muszkopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum

- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais – Prof. Dr. Thomas Kesselring* *Juizados ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 56 *O decréscimo como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes

- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montaña
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstoi* – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet & Selma Rodrigues Pettele
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira & Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke & Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge & Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois”* – Claudia Wasserman

- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga-SP* – Marcelo Henrique Santos Toledo



Serge Latouche é economista, sociólogo, antropólogo e professor emérito de Ciências Econômicas na Universidade de Paris-Sul (1984). É presidente da Associação dos Amigos da Entropia e presidente de honra da Associação Linha do Horizonte. É doutor em Filosofia, pela Universidade de Lille III (1975), e em Ciências Econômicas, pela Universidade de Paris (1966), diplomado em Estudos Superiores em Ciências Políticas pela Universidade de Paris (1963). Latouche é um dos

históricos contribuidores da revista do movimento intitulado M.A.U.S.S. (sigla para Movimento AntiUtilitarista nas Ciências Sociais), além de ser professor emérito também da Faculdade de Direito, Economia e Gestão Jean Monnet (Paris-Sul), no Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social (IEDs) de Paris.

Algumas publicações do autor

LATOUCHE, Serge. "Convivialidade e decrescimento". In: *Cadernos IHU ideias*, ano 10, n. 166, São Leopoldo, 2012.

_____. "Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?". In: *Cadernos IHU ideias*, ano 10, n. 164, São Leopoldo, 2012.

_____. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. "O decrescimento como condição de uma sociedade convivial". In: *Cadernos IHU ideias*, ano 4, n. 56, São Leopoldo, 2006.

_____. *Os perigos do mercado planetário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. *A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Análise econômica e materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.